

## EFEMÉRIDES DA ARTILHARIA

# CAMPANHAS DO URUGUAI E PARAGUAI

(1864-1870)

HEITOR BORGES FORTES

Gen (Rs)

### SEXTA PARTE (1)

1868

#### Dez — 11. — Batalha de AVAÍ (Resumo)

A posição inimiga se situava em colinas extensas, sôbre as quais passava a estrada para Vileta que o Exército de Caxias ia trilhar e a cuja frente corria o arroio Ivaí. No centro da linha de batalha estavam assestados 18 canhões, que batiam a estrada principal; fortes batalhões de infantaria estendiam-se à direita e à esquerda, apoiados por foguetes à Congreve, enquanto regimentos de cavalaria estavam dispostos nos flancos, apoiados em matas.

O General Caballero comandava-os, totalizando cêrca de 7.000 homens das três armas.

Sua presença, prontos para uma batalha campal, foi assinalada pela vanguarda do 3º C Ex (Osório), que desde a madrugada de 11 de dezembro de 1868 marchava rumo ao sul, em busca do inimigo.

Informado da situação e à vista do terreno, Caxias resolveu atacá-lo de frente e envolvê-lo pelos dois flancos, para lhe cortar a retaguarda, ordenando que Osório tomasse a seu cargo a ação principal de fixação do inimigo na posição de Avaí, enquanto as Divisões de Cavalaria de Andrade Neves e João Manuel Menna Barreto fariam os envoltimentos pelos flancos.

O 3º C Ex (que já dispunha da 5ª D C — Gen Câmara), prossegue pela estrada principal, desdobra suas baterias, que travam o duelo de artilharia com a artilharia inimiga, e formado em três colunas de infantaria e cavalaria, transpõe o Avaí, saindo ousadamente do arroio e subindo a colina ocupada pelo inimigo por entre uma chuva de balas e metralha (Manuscrito de 1869).

---

(1) Continuação do n. de Mar/Abr.



Nesta ocasião desabou um violento temporal, que não impediu que infantes e cavalarianos de Osório se entrebrassem com os paraguaios.

Resolveu então Caxias, que se havia aproximado, intervir com o 2º C Ex, pelo flanco esquerdo inimigo, enquanto Osório empenharia o restante de sua G U. O 1º C Ex, mantido em reserva, atenderia não só ao desenvolvimento do combate em Avaí, como ao eventual surgimento de uma coluna de 3 a 4 mil paraguaios, com 8 bôcas de fogo, sob o comando de Caminos (Min da Guerra de Lopez), assinalada em marcha.

“Depois de acionar o restante de sua infantaria, Osório avançou até junto à 3ª Bda Inf, que se retrairia, acossada pela cavalaria paraguaia. Não duvidando arrostar o perigo, arrojou-se o Marechal com êles sôbre o centro da linha inimiga, e mandou-as carregar.”

Impulsionadas pelo Marquês de Caxias, as Divisões do 3º e do 2º C Ex, seguidas pela artilharia, transpuseram o arroio Avaí, com água pelo peito, e atacando impetuosamente, quebram a resistência inimiga, pondo em fuga seus batalhões e regimentos e abandonando os 18 canhões, sempre acossados pelos cavalarianos da 5ª D C (Câmara).

Numa nova fase da batalha, os remanescentes de Caballero, instalados numa segunda posição, mais à retaguarda, são acometidos em seu flanco direito pelas 2ª e 3ª D C, sob o comando de Andrade Neves, e no direito pela 1ª D C (J M Menna Barreto), enquanto Caxias, pedindo um último esforço aos infantes dos 2º e 3º C Ex e aos cavalarianos de Câmara, atira-os de nôvo sôbre o centro do dispositivo paraguaio, que não resiste ao cêrco e se entrega, só escapando algumas centenas de fugitivos, que se dirigem a Vileta e às Lomas Valentinas, perseguidos pela cavalaria brasileira.

A batalha durara cêrca de 5 horas, só terminandô pelo início da tarde — sob um sol abrasador.

Os paraguaios tiveram cêrca de 3.000 mortos, deixando mais de 1.400 prisioneiros, muitos dêles feridos. As perdas brasileiras também foram sensíveis.

### ATUAÇÃO DA ARTILHARIA

Com a vanguarda do 3º C Ex marchava a “bateria alemã”, comandada pelo Ten Steuben, sendo a primeira a ocupar posição e iniciar o duelo de artilharia, com as 10 bôcas de fogo inimigas que sustentavam o centro paraguaio.

Ao terminar o restante do 3º C Ex, segue mais uma bateria, (a de montanha) que se achava sob as ordens do Major Pereira Júnior — formando a artilharia à disposição dessa G U (eram ao todo 10 canhões).



O 2º R Prov Art Cav foi todo êle empenhado, por ordem de Caxias, e sob o comando do Ten-Cel Gama Lobo D'Eça, tão logo se precisou a posição ocupada pelo inimigo e o valor de sua artilharia. "O Regimento avançou e começou o canhoneio, diz Bormann. A artilharia inimiga, atacada pela nossa, teve de enfrentá-la, e assim deixou, por algum tempo, de hostilizar os 3º e 2º C Ex".

Durante tóda a batalha, a artilharia atuou, tendo inclusive mudado de posição para participar do ataque final à segunda posição paraguaia. Seu comandante, o Ten-Cel Gama Lobo D'Eça, foi incansável e mereceu os maiores louvores para sua unidade, nessa gloriosa jornada.

Dez — 11/12 — O Exército brasileiro pernoita no local em que se travou a batalha de Avaí. A Esquadra leva para Vileta suprimentos e retira os feridos e doentes. Dentre os feridos estava o Gen Osório, que deixou o comando do 3º C Ex, sendo substituído pelo Gen Auto Guimarães.

11/20 — Parte das fôrças brasileiras acampa em Vileta, nova base de operações.

17 — Reconhecimento sôbre Lomas Valentinas, pelas D C de Menna Barreto e Cel Câmara. Combate de vanguarda, na Sanga Branca, entre o reconhecimento comandado pelo Cel Vasco Alves e uma fôrça paraguaia.

18 — Caxias chega até as vizinhanças das Lomas Cambariti, a uma légua de distância da residência de Lopez nas Lomas Valentinas. (Ver plantas 12 e 13, de Jourdan).

21 — Reconhecimento à viva fôrça da posição das Lomas — Ataque à linha do Píkisiri.

Partindo, pela madrugada, de Vileta, o Exército Brasileiro marchou em duas colunas, rumo às Lomas Cambariti e Valentinas, chegando pela manhã à vista da posição paraguaia de Lomas Valentinas (ou Ita-Ivaté), que, se achava fortificada e fortemente guarnecida (cêrca de 10.000 homens e numerosas bôcas de fogo).

Estavam as 2 colunas sob o comando dos Generais José Luiz Menna Barreto e Jacinto Machado Bitencourt, contando aquela com 8.794 homens, distribuídos por 6 Brigadas de Infantaria reunidas sob o comando da 3ª D I e esta com 10.621 homens, com igual número de brigadas 1ª e 2ª Reg Prov Art Cav (Gama Lobo D'Eça) participou da operação.

Simultâneamente, a 2ª D C (Andrade Neves) foi mandada contornar as posições inimigas, dirigindo-se ao Potreiro Mármore para arrebanhar gado e fazer prisioneiros — enquanto a 1ª D C (João Manuel Menna Barreto), reforçada por uma Brigada de Infantaria e uma bateria de artilharia (provavelmente uma das do grupamento do Maj Pereira Júnior) atacaria a linha fortificada do Píkisiri, pela retaguarda.



Este ataque foi coroado de pleno êxito, pois foi dirigido ao ponto mais vulnerável da posição inimiga, que caiu, entregando 34 canhões e mais de 200 prisioneiros.

As tropas situadas ao sul do Píkisiri (Exércitos argentino, oriental Brigada Inf (Paranhos) e Brigada de artilharia (Mallet), cooperaram nesta operação, fixando o inimigo de frente, enquanto era atacado pela retaguarda pela 1ª D C.

A Brigada Mallet atacou na ponte sôbre o arroio Píkisiri, nas vizinhanças das forças orientais do Gen Henrique Castro.

O 1º R A Cav (Ten-Cel Severiano) armou três Bias como Esquadrões de Cav, armados com carabinas (clavinas Spencer), dos quais o 1º Esquadrão (Cap Pêgo Júnior) precedeu a coluna de ataque, que foi em breve reforçada pelo 4º CPA (Maj N Mallet), onde duas baterias estavam atuando como tropa a pé (infantaria). Quando a restante artilharia da Brigada (3 Bias/1º R A Cav e 2 do 4º CPA) abriu fogo, os paraguaios reagiram fracamente, atirando com 12 bôcas de fogo.

O 1º Esquadrão (Cap Pêgo Júnior) conservou-se em linha, mas ao alcance da metralha; os 2º e 3º Esquadrões não tiveram ocasião de aparecer ao inimigo.

Posteriormente, marchou o 1º Esquadrão (Cap Pêgo Júnior) com forças argentinas e orientais, para fazer junção com a coluna do Gen J. M. Menna Barreto, fechando o contôrno do reduto de Angustura, onde o inimigo se achava encurralado, e nesta posição se conservou até a manhã seguinte.

O 4º CPA sofreu a morte dos Cap em comissão Aristides Armínio Guaraná e 2º Ten Joaquim Bernardino Olinto, além de várias praças mortas e feridas; no 1º R A Cav também foram mortas algumas praças.

A exploração da 2ª DC sôbre Potreiro Mármore também foi proveitosa, tendo permanecido nessa área a Brigada Vasco Alves. Os restantes elementos da DC foram se incorporar às forças de Caxias, diante de Lomas Valentinas.

O reconhecimento à viva força, da posição de Lomas Valentinas, dirigido pessoalmente por Caxias, consistiu no investimento dessa posição por SO (Cel J. L. M. Barreto) e NO (Cel Machado Bitencourt), com apoio no 2º Reg Prov A Cav, foi lançado às 3 horas da tarde, tendo infantes e cavalarianos conseguido tomar pé nas fortificações inimigas, sôbre as quais se lançara o equipamento de assalto. O inimigo levou vantagem no interior da posição, onde abrigava numerosas reservas, que tornaram insustentável para os atacantes sua permanência aí, tal o número de mortos e feridos, entre os quais alguns generais.

Tenazmente manteve-se Caxias na posição conquistada até a manhã de 22, quando resolveu abandoná-la, para repetir dias depois a operação de seu investimento.



## ATUAÇÃO DA ARTILHARIA

O 2º R Prov A Cav encaminhou 2 baterias (8 bôcas de fogo) para as proximidades do flanco direito do entrincheiramento paraguaio, por onde Caxias iniciou o reconhecimento. Enquanto isso, na Loma Cumbariti, outras baterias, assestadas no centro de nossas posições de espera (onde os combatentes descansaram da longa marcha e se alimentaram), atiravam sobre as posições paraguaias, sem que destas, de início, houvesse qualquer reação. (Bormann)

Só, com a aproximação das colunas de ataque e sob o bombardeio de nossos canhões, o inimigo reagiu, abrindo fogo com suas baterias, que chegaram a ser atacadas por nossos infantes e cavalarianos.

A artilharia do 2º R Prov A Cav atirou também sobre o QG de Lopez, na Lomba Sul ou Ita-Ivaté.

Na manutenção da posição durante a noite de 21 para 22, vários canhões do Regimento e uma bateria de foguetes à Congreve (Cap Santiago) foram levados para as trincheiras em que se mantiveram os Batalhões de Infantaria, sustentando o tiroteio, apesar da chuva incessante. (2)

Dez — 22 — Mantêm-se as fortificações de Angustura sob sítio pela 5ª DC e pela Esquadra.

— Desembaraçadas as comunicações com as forças ao sul do Pikisiri, são estas chamadas para reforçar o exército de Caxias que de frontava as Lomas Valentinas.

Vieram os argentinos e orientais, a 6ª Bda Inf (Paranhos) e a Bda Mallet, com os 1º R A Cav e o 4º C P A.

— De Humaitá foram chamados para recompletar nossas unidades, 2.000 homens, incluindo o 3º BAPé, armado à infantaria que embarcou a 24 no vapor "São José", desembarcando a 26, reuniu-se ao Exército em operações.

— O 1º BAPé é chamado para se integrar no Exército em operações ao norte do Pikisiri.

22/23 — Continuam sob bombardeio as posições inimigas das Lomas Valentinas.

23 — Reorganizam-se as Grandes Unidades, sendo dissolvido o 3º C Ex e a infantaria é reunida em 2 D I.

---

(2) A melhor descrição desses combates encontra-se no livro "História da Guerra do Paraguai" pelo General Bernardino Bormann, que então comandava uma bateria do 2º Reg Prov Art Cav.



24 — Caxias intima Lopez a se render, o que é rejeitado por este, e 25, esperançado de ser reforçado pelas tropas de Caminos (3.000 homens e 12 bôcas de fogo) que se achavam no vale do Piraju.

— “O número de nossas baterias aumentou, porque nesse dia chegavam às nossas posições o 1º RACav (Cel Severiano da Fonseca) e com ele o bravo Emilio Luiz Mallet, comandante-geral da Artilharia.”

(Bormann) Veio também o 4º Corpo Provisório de Artilharia, comandado pelo Maj Nepomuceno Mallet.

24 — Caxias empreende, sob proteção de uma D C, nôvo reconhecimento à tarde ao flanco direito do inimigo, que reage lançando alguns esquadrões ao encontro dos nossos.

O Cel Mallet, Cmt-Geral da Artilharia, com o Ten-Cel Rufino Galvão e os Ten-Cel Severiano da Fonseca, Cmt do 1º RACav e Gama Lobo D'Eça, Cmt do 2º R Prov A Cav escolhem posições de bateria.

Noite — Várias posições de baterias foram assestadas contra os pontos mais importantes da posição inimiga. Eram 38 canhões brasileiros, todos raiados a La Hitte calibre 4, distribuídos pelas seguintes unidades: 1º RACav — 8; 4º CPA — 8; 2º RProv A Cav — 22; (uma bateria está ainda atuando com a 1ª DC); 6 argentinos e 2 orientais.

25, às 6 horas da manhã — Bombardeio da posição de Lomas Valentinas, sob a direção do Comandante-Geral da Artilharia (Cel Mallet), por 46 bôcas de fogo, as quais deram, cada uma, 50 tiros.

“Assim, pela manhã do dia de Natal, caíram sôbre as Lomas de Ita-Ivaté, 2.300 granadas, que além de produzirem grandes perdas ao inimigo, incendiaram matas e partes do acampamento. O inimigo contendeu frouxamente nossos canhoneiros.” (Bormann)

— Ficaram feridos o Cap Marcos de Souza (Cmt de bateria), além de várias praças.

— Reconhecimento das posições inimigas dirigido sôbre o flanco direito do dispositivo inimigo, que constata que o inimigo está retirando fôrças da posição de Lomas Valentinas.

— Entram em posição mais duas baterias do 1º RACav, sob o comando do Capitão Leite de Castro. (3)

(3) Diz o Gen Leite de Castro em suas memórias (pág. 51/52):

“Na madrugada do dia 25 (Dezembro de 1868) o Cel Severiano da Fonseca (Cmt do Regimento) teve ordem de mandar duas baterias para a frente, a fim de bombardear o acampamento inimigo, tendo-me confiado o comando delas... Fi-las tomar posição conveniente, como fiz iniciar o bombardeio com a maior energia, tendo observado o seu bom efeito, por ver as granadas explodirem no acampamento inimigo... Tendo visto no campo em frente, limitado por duas linhas entrancheiradas, duas peças de campanha, sem guarnições, mais para o lado do inimigo que para o nosso, resolvi tomá-las, embora para isso corresse algum perigo. Sendo pequeno o pessoal das duas baterias de que dispunha, recorri ao Ten-Cel Floriano Peixoto (Cmt 9º BI) que as protegia e lhe pedi que me prestasse o auxilio de praças, a fim de cometer aquêle ato... Tomadas as devidas precauções, consegui rapidamente chegar à posição em que elles estavam e logo reconheci serem as mesmas do meu Regimento, tomadas no combate de 2 de maio de 1866, em Tuiuti, havendo, por meio de tirantes, feito levá-las ao nosso acampamento, o que causou grande alegria.”



26 — As forças brasileiras, argentinas e orientais rearticulam-se para o ataque à posição de Lomas Valentinas, sob proteção da posição ocupada desde o dia 21 e da artilharia.

Chega a Palmas o 1º BAPé.

27 — Ataque final às Lomas Valentinas. Dispostas as forças aliadas, que atacariam sob comando pessoal de Caxias:

— Ataque principal (pela esquerda): destacamento argentino (1º C Ex Rivas) e 2º C Ex (Gen J. L. Menna Barreto), reforçado pelas 1ª e 2ª DC — Brigada de Artilharia Mallet (1º R A Cav, 2º R Prov A Cav e 4º CPA).

— ataque pelo centro: destacamento oriental, reforçado pela Brigada Paranhos; 1º C Ex, (Gen Machado Bitencourt) e Esquadrão de Artilharia uruguaio.

— ataque pela direita ou sul: destacamento argentino (2º C Ex — Gelly Y Obes) e artilharia argentina.

Simultaneamente com a ação da 3ª DC, sobre Potreiro Mármore, pelo flanco Norte da posição inimiga.

A 5ª DC mantém-se face a Angustura, observando sua guarnição.

Totalizavam 16.000 brasileiros, (dos quais 1.540 artilheiros) 6.700 argentinos (dos quais 384 artilheiros), 800 uruguaios (entre eles 80 artilheiros) num total de 25.500 homens e 52 bôcas de fogo brasileiras, 18 a 24 argentinos e 3 a 6 uruguaios. (4)

Dez — 27 — às 11 horas — Pondo em 1º escalão as forças que anteriormente guarneceram Palmas, Caxias fê-las atacar concêntricamente o principal bastião da fortificação inimiga, onde Lopez mantinha cêrca de 8.000 homens (com alguns reforços que havia recebido) e as 8 bôcas de fogo restantes, enquanto o movimento das 1ª e 2ª DC pelo flanco norte veio cair sôbre a retaguarda da posição paraguaia, apenas restando ao Ditador Lopez, logo que constatou sua difícil situação, abandonar seus comandados, fugindo por uma estreita trilha, que conduzia a Cerro-León, antes que se fechasse o cêrco feito pelas referidas DC e mais a 3ª DC, que havia avançado para Potreiro Mármore. O amaciamento do terreno foi feito por uma preparação de artilharia em que 24 bôcas de fogo, da Artilharia do Exército (Mallet) deram, cada uma, 100 tiros.

As peripécias do combate frente às fortificações de Lomas Valentinas (ou Ita-Ivaté) foram espetaculares, procurando tôdas unidades em tomar pé no reduto principal, tão logo sua progressão debaixo do fogo dos defensores, permitiu a abordagem do fôssco principal e o investimento direto de suas trincheiras.

Cabe notar que continuaram armadas como infantaria duas baterias do 4º CPA (Maj Nepomuceno Mallet) e como cavalaria, atacando a pé, pelo menos uma bateria do 1º RACav (o esquadrão Cap Pêgo Jr.), os quais, como as demais forças vindas do sul do Pikisiri, atacaram no 1º escalão dos dois corpos de Exército Brasileiros.

(4) Ver Nota Especial n. 9.



## ATUAÇÃO DA ARTILHARIA

A Artilharia do Exército Brasileiro, superiormente dirigida pelo Cel Emilio Luiz Mallet, teve brilhante atuação em todo o decorrer da batalha de Lomas Valentinas. Suas unidades tendo ocupado as posições escolhidas com antecedência, a curta distância (menos de 200m) dos entrenchamentos inimigos, executaram não só a **preparação** (limitada a 24 canhões dos 1º RACav e 2º R Prov A Cav) de 100 tiros, que cobriu o avanço dos atacantes até o fôssco, como os tiros programados em todo o decorrer da ação. O Cel Severiano da Fonseca, Cmt do 1º RACav, tendo descoberto uma posição vulnerável nas trincheiras inimigas, fez duas baterias mudar de posição e avançar para metralhá-lo, sob a proteção da fumaça produzida pelo restante da unidade, até a contra-escarpa do entrenchamento.

### ELOGIO À ARTILHARIA

Em ordem do dia n. 272, de 14 de janeiro de 1869, Caxias relatou a batalha de Lomas Valentinas, e o Gen Bormann assinala que no dia 27 os aliados bateram-se bizarramente, mas se houve quem particularmente se distinguisse, foram os artilheiros brasileiros tais como o Cel Mallet, o herói de 24 de maio; os Cap Nepomuceno Mallet (filho daquele) e Bezerra Cavalcante, Cel Lobo D'Eça e outros, todos brasileiros.

Quanto à glória dos nossos artilheiros, diz o General-em-chefe, que "o assalto foi dado com maior ímpeto e galhardia, rivalizando-se em arrôjo e intrepidez as forças das três armas que nêle tomaram parte, mas cabendo inquestionavelmente as honras da jornada à artilharia que, depois do bombardeio, avançou por tal modo que penetrou nas trincheiras do inimigo com as linhas de nossos atiradores". (5)

Segundo o Barão Homem de Mello, da biografia de Andrade Neves, "no dia 27 de dezembro de 1868, a posição de Lomas Valentinas caiu em nosso poder uma **brilhante manobra de artilharia**, executada pelo Coronel Mallet, transformando-se o desastre de 21 em uma entrada triunfal no seio do reduto inimigo".

(5) Escrevendo no jornal "A Cidade", de Pindamonhangaba, de 23 de maio de 1940, gentilmente cedido pelo Ten-Cel Mallet Joubin, o Dr. Gustavo Adolfo Ramos de Mello publica uma versão de que teria havido séria divergência aérea de quem teria penetrado primeiro no recinto fortificado de Lomas Valentinas, a 27 de dezembro de 1868.

Enquanto o Maj J. Nepomuceno Mallet, comandante do 4º CPA, achava que havia sido êle, com suas duas baterias armadas como infantaria (tropa a pé), marchando à testa da coluna de ataque comandada pessoalmente por Caxias e que penetraram nos entrenchamentos inimigos, ficando logo a sua gloriosa bandeira, o Capitão Pêgo Júnior, do 1º RACav, que havia reunido o efetivo de 2 baterias num improvisado Esquadrão, armado de carabinas Spencer, também se atribuía a glória de ter penetrado antes de qualquer outro elemento pelo ponto fraco que o Cel Severiano divisara na posição inimiga, conforme comunicação levada a Caxias pelo Capitão Leite de Castro, no flanco direito do reduto inimigo.

"Depois da vitória, encontram-se os dois bravos... discutem acaloradamente, e no ardor da discussão, ambos exacerbados, levam a mão às suas espadas, num gesto brioso de arrancá-las. O incidente, porém, pára aí". E conclui:

"É talvez por isso que Caxias, em sua Ordem do Dia, publicada sobre a batalha de Lomas Valentinas, não dá a qualquer dos dois a glória que ambos disputaram, dando contudo à artilharia as honras da jornada."



Dez — 27 — à tarde ou 28 de manhã, — Cai o restante (trecho mais próximo de Angustura) da posição do Pikisiri — sob pressão de forças argentinas e um Btl de Infantaria sob as ordens do Gen Menna Barreto — sendo aprisionados seus defensores e 3 bôcas de fogo.

28 — A Vitória aliada e a fuga de Lopez permitiram que muitos prisioneiros fôssem libertados, entre eles o Major E. Cunha Mattos, o Cap Francisco Gomes Ribeiro, o Major Von Wersén (alemão) e o Médico Stewart (inglês).

— O Major Ernesto Cunha Mattos foi designado para o comando do 4º C Prov Art, em reparação moral à sua conduta à frente do 4º BAPé, em Tuiuti, a 3 Nov 1867. O Maj (em comissão) Nepomuceno Mallet voltou a se integrar no 1º RACav.

29 — O Exército Aliado marcha para as vizinhanças de Angustura.

— Intimação à guarnição de Angustura para que se renda incondicionalmente — o que é rejeitado pelo Cel Thompson e seu imediato Cel Carrilo.

Baterias entram em posição, prontas para bombardear a fortificação inimiga.

30 — 6 horas — Rendição de Angustura.

Convencido da inutilidade de sua resistência ao cêrco, por terra e pelo rio, o Cel Thompson oferece rendição, depondo as armas e entregando a fortificação. Uma brigada mista, composta de um batalhão de cada nação aliada, um corpo de cavalaria e uma bateria do 1º RACav (brasileiros), sob o comando do Cel Emilio Luiz Mallet (numa antecipação do seu generalato), penetra na fortificação e recebe a rendição dos paraguaios e hasteia as Bandeiras Aliadas, sob as salvas da artilharia do Exército, postada fora dos muros.

31 — O Exército brasileiro, acampa a nordeste de Vileta em sua marcha rumo a Assunção, e festeja as vitórias obtidas, simultaneamente com a entrada do Nôvo Ano. Uma força comandada pelo Cel Hermes E. da Fonseca embarca em navios da Esquadra, para Assunção.

— Uma comissão interaliada, formada pelos Ten-Cel Gama Lobo D'Eça, Garmendia e Vasquez, relaciona e reparte os canhões tomados entre 27 e 30 de dezembro de 1868. Segundo nota do Major Pereira Júnior, eram 18 de bronze, e 18 de ferro, além de 6 encravados, sendo um o de 32 Whitworth tomado em Tuiuti, além de 2 obuses e 1 morteiro de 22 cm. (6)

— O 3º BAPé, depois de ter participado da batalha de Lomas Valentinas e da rendição de Angustura, como unidade de infantaria, marchou para Vileta, onde embarcou nesta data, no vapor "Santa Cruz", com destino a Humaitá.

(6) No dia 25 haviam sido aprisionados pelo Cap L. Castro 2 canhões LH de 4, e anteriormente, em Itororó, dois dos 4 canhões La Hitte de 4, perdidos no combate de 2 de maio de 1866; no dia 21 de dezembro, entre 14 bôcas de fogo abandonadas pelos paraguaios, achava-se o canhão Whitworth de 32, perdido em 3 de novembro de 1867, em Tuiuti. Assim, nenhum canhão brasileiro, de qualquer calibre permanecia em poder do inimigo, assinala a Ordem do Dia do Exército n. 272, de 14 Jan 1869. (Faustino Filho, pág. 59).



## NOTA ESPECIAL N. 9

### SÓBRE A ARTILHARIA NA DEZEMBRADA

(Ver croqui)

#### ARTILHARIA BRASILEIRA

Quantitativamente, é exata a participação efetiva em Itororó, de 16 bôcas de fogo do 2º R Prov A Cav, e dúvida quanto à presença de 4 (cu 6) canhões que deviam estar marchando com o 3º C Ex, (De Osório); 6 (ou 4) bôcas de fogo, com o Maj Pereira Júnior, permaneceram no Chaco, com as DC.

Em Avaí é certa a presença de 26 bôcas de fogo do 2º R Prov A Cav, isto é, as 16 que atuaram em Itororó e mais 10 do grupamento do Maj Pereira Júnior, que anteriormente haviam pertencido ao 4º CPA.

Já em Lomas Valentinas, aparecem formando a artilharia do exército brasileiro 52 bôcas de fogo; seriam as 26 do 2º Regimento, mais 18 do 1º RACav (16 orgânicas de 4 baterias, mais os 2 canhões abandonados pelos paraguaios, segundo depoimento do Gen Leite de Castro) e 8 do 4º CPA, uma vez que ambas estas unidades haviam formado subunidades de infantaria e cavalaria, para participar do ataque à posição de Ita-Ivaté.

O material predominante, quiçá o único, foi o canhão raiado à La Hitte, calibre 4, quer o chamado modelo de campanha, quer o de montanha (mais leve que o outro, fabricado pelo Arsenal de Guerra do Rio).

#### ARTILHARIA ARGENTINA E ORIENTAL

Quanto aos argentinos e orientais, há a mais completa falta de informes precisos sôbre seus efetivos e chefes, nas obras que consultamos. Permitimo-nos, porém, concluir de sua leitura, especialmente as de Garmendia e Bormann, que os orientais (uruguaio) dispunham apenas de um esquadrão de artilharia, com 60 a 80 artilheiros (6 a 8 peças) e os argentinos de uma Divisão de Artilharia, formada por três ou quatro esquadrões de Art, com 384 artilheiros, (18 e 24 bôcas de fogo). Os argentinos costumavam reunir num esquadrão canhões e obuses, de calibres diferentes, num total de 6 a 8 peças.

Quanto a seus chefes, Garmendia (7) menciona o Cel Alvarez, que parece ter sido o comandante-geral da Artilharia ou da chamada Divisão de Artilharia, o Comandante Maldones e os Majores Pais e Bustamante, a quem atribuímos os comandos de Esquadrões. Cremos que o Comandante Maldones foi o responsável pela artilharia que atuou com a coluna do Gen Gelly Y Obes — pelo flanco esquerdo (sul) da posição paraguaia. Aí deviam estar 2 ou 3 esquadrões da artilharia argentina, num total de 12 a 18 bôcas de fogo.

O restante Esquadrão (4 a 6 peças) esteve desdobrado junto ao 2º R Prov a Cav, conforme esclarecimento de Gama Lobo D'Eça, em sua parte de combate relativa aos dias 25 e 27 de dezembro de 1863.

(7) Campaña del Pípiciri — Edição Jacob Hauser — Buenos Aires — 1884.

(Continua no próximo número)